



O conto do naufrago dos antigos Egípcios: nota de leitura sobre um estudo português do início do século XX

Autor(es): Almeida, Catarina

Publicado por: Centro de História da Universidade de Lisboa

URL Persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/33021>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0871-9527_22_15

Accessed : 14-Aug-2022 13:57:49

La navegación, consulta y la descarga de los títulos inseridos en las Bibliotecas Digitales UC Digitalis, UC Pombalina y UC Impactum supone la aceptación plena y sin reservas de los Términos y Condiciones de Uso de estas Bibliotecas Digitales, disponibles en la página web https://digitalis.uc.pt/es/terminos_y_condiciones.

Según lo expuesto en los referidos Términos y Condiciones de Uso, la descarga de títulos de acceso restringido requiere una licencia válida de autorización, debiendo el usuario acceder al/ a los documento/s a partir de una dirección de IP de la institución que posea la licencia antes mencionada.

Al usuario solo le está permitida la descarga cuando esta es para uso personal, por lo que el uso del/ de los título/s descargado/s con otro fin, particularmente el comercial, carece de la autorización del respectivo autor o del editor de la obra.

Puesto que todas las obras de la UC Digitalis están protegidas por el Código de Derechos de Autor y Derechos Conexos y por la legislación establecida en la ley, cualquier copia parcial o total de este documento, en los casos en que sea legalmente admitida, deberá contener o ir acompañada por este aviso.



impactum
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

impactum.uc.pt
digitalis.uc.pt

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

22



𐀀𐀁𐀂𐀃𐀄𐀅𐀆𐀇𐀈𐀉𐀊𐀋𐀌𐀍𐀎𐀏𐀐𐀑𐀒𐀓𐀔𐀕
𐀖𐀗𐀘𐀙𐀚𐀛𐀜𐀝𐀞𐀟𐀠𐀡𐀢𐀣𐀤𐀥𐀦𐀧𐀨𐀩𐀪
MHNIN ΛΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

O CONTO DO NÁUFRAGO DOS ANTIGOS EGÍPCIOS. NOTA DE LEITURA SOBRE UM ESTUDO PORTUGUÊS DO INÍCIO DO SÉCULO XX

CATARINA ALMEIDA

Universidade de Lisboa
acalmeida@fl.ul.pt

Resumo:

O presente texto consiste numa nota de leitura que tem como objetivo revisitar um ensaio do início do século 20, publicado por Francisco Esteves Pereira, sobre o *Conto do Náufrago* do antigo Egito. Este estudo foi citado por Gaston Maspero, na sua conhecida obra *Popular Stories of Ancient Egypt*, editada em 1915, e apresenta um estudo introdutório seguido de uma tradução da história, considerada pelo autor português, um estudioso que participou em várias das reuniões periódicas do Congresso Internacional dos Orientalistas, como a de mais notável assunto e interessante forma da literatura egípcia antiga.

Palavras-chave: Antigo Egito; orientalismo; Conto do Náufrago; Esteves Pereira.

Abstract:

The present text provides a reading note aiming at revisiting a study from the early 20th century, written by Francisco Esteves Pereira, on the ancient Egyptian *Shipwrecked Sailor* story. This study was quoted by Gaston Maspero in his well-known book *Popular Stories of Ancient Egypt* edited in 1915, and consists of an introductory essay followed by a translation of the story, regarded by the Portuguese author, a scholar who participated in several of the regular meetings of the International Congress of Orientalists, as the most remarkable and well-structured of ancient Egyptian literature.

Keywords: Ancient Egypt; Orientalism; Shipwrecked Sailor Tale; Esteves Pereira.

Consultando há pouco tempo a obra de Gaston Maspero, *Popular Stories of Ancient Egypt*, de 1915, originalmente publicada em francês, em 1882, como *Contes populaires de l'Égypte ancienne*, deparei, em posição proeminente, com uma curiosa referência a um ensaio sobre o *Conto do Naufrago* egípcio de um estudioso português. O trabalho, que inclui uma tradução do conto, figura no número 48 da revista *Instituto* da Universidade de Coimbra, de 1901, e intitula-se «O Naufrago. Conto Egípcio». O autor é Francisco Maria Esteves Pereira (n. Miranda do Douro, 1854) que, a par da sua atividade profissional de oficial de engenharia, desenvolveu atividade académica de relevo, cimentando-se como figura de destaque dos estudos orientalistas portugueses desde final do século XIX até 1924, ano da sua morte. Tendo estudado hebraico, árabe e sânscrito, especializou-se, contudo, como autodidata, no etíope e publicou obra volumosa nesta área, com destaque para a *Crónica de Susenyos* (Lopes 1940-41: 121).

Segundo David Lopes, também ele um reputado orientalista, apesar de grande parte dos estudos de Francisco Esteves Pereira versar conteúdos literários, o objetivo deste estudioso terá sido o de fazer ciência e não arte (Lopes 1940-41: 122). Numa época de profundo interesse europeu pela ideia de Oriente, às descobertas científicas dos temas orientais aliou-se o pensamento de filósofos e letrados que perscrutavam, tanto profissional quanto amadoramente, o mundo do Oriente, exótico e misterioso. Eruditos que, conseqüentemente, se reconheciam, ou eram reconhecidos, como orientalistas no sentido mais abrangente do termo (Said 2004: 58-59)¹.

É neste âmbito que Francisco Esteves Pereira desenvolve a sua atividade e é nesta linha que surge o referido artigo sobre o *Conto do Naufrago*. Este estudo começa com uma introdução de apresentação da narrativa do naufrago, que o autor considera logo à partida como a mais notável no assunto e atraente na forma a partir de dois níveis de razão: da geografia e da etnografia. Por um lado, o assunto tem acentuado interesse geográfico, na medida em que contém

«noticias da grande expansão de um dos povos mais celebres da antiguidade, os Phenicios; é de subido interesse para a historia do commercio por indicar a proveniência de muitos productos naturaes, que em remotos tempos eram avidamente procurados dos orientaes» (Esteves Pereira 1901: 72).

Por outro lado, a forma é particularmente expressiva porque, na perspectiva de Esteves Pereira, que remete em nota para o estudo de Golénischeff,

«é de inestimável valor para o estudo das tradições populares por conservar a forma mais próxima da original, de uma lenda, que mais tarde foi adoptada e vulgarizada pelos Gregos na *Odysseia* e pelos Arabes nas *Mil e uma Noites*» (Esteves Pereira 1901: 72).

E remata estimando-a como um monumento da antiga língua egípcia elaborado numa das épocas mais brilhantes da literatura desta civilização. Podemos intuir talvez nesta avaliação uma conceção cíclica das civilizações orientais, com início, apogeu e declínio, mas que permanecem numa fundamental estabilidade ontológica e, neste sentido, passíveis de um entendimento global que desemboca numa imagem totalizante do Oriente. Na construção europeia de início do século XX desta imagem do Oriente, é sublimado um processo de autoridade que deriva do (re) conhecimento de uma (outra) cultura em função do modo como é apreendida (Said 2004: 36-37)². Este conhecimento seria essencialmente mediado pelos textos e «até a relação entre o orientalista e o Oriente era textual», pelo que o labor orientalista de pendor eminentemente filológico (que corresponde a uma das primeiras aceções do termo no século XIX) abrangia desde tradução e edição de textos até estudos nas várias áreas de conhecimento das civilizações asiáticas e do norte de África, antigas e modernas, apesar de haver um interesse particular pelo período clássico de qualquer língua (Said 2004: 59-60) que, podemos supor, corresponderia ao considerado período de apogeu de uma civilização que mediava os períodos de formação e de degeneração da língua.

Após definir os termos de análise do *Conto do Náufrago*, Esteves Pereira relata o achado da única cópia deste texto por Golénischeff, em 1880, no Museu Imperial de S. Petersburgo, que levou ao estudo e divulgação no ano seguinte no V Congresso Internacional de Orientalistas em Berlim³. Descreve depois o papiro de 189 colunas em hierático, datando-o da XII dinastia, através de informação recolhida em Maspero e Golénischeff, e sublinhando, sobretudo com base em informações de Petrie, o estilo e qualidade literárias do escriba que desenvolve o conto numa linguagem clara e simples, mas elegante (Esteves Pereira 1901: 73).

Depois destas considerações de natureza mais formal, o orientalista português centra-se no estudo do seu conteúdo. Resume sucintamente

a narrativa, incluindo apenas a história do naufrago propriamente dita, não mencionando a história de enquadramento, nem a da serpente. Detém-se depois em quatro aspetos para análise que se prendem com a justificação inicial da importância da obra ao nível da geografia e da etnografia.

Por um lado, debruça-se sobre a localização e discussão do significado da ilha da serpente e localização da região do Punt. A ilha da serpente *iu pen en ka* [𓆎 𓆏 𓆑 𓆒 𓆓 𓆔 𓆕 𓆖 𓆗 𓆘 𓆙 𓆚 𓆛 𓆜 𓆝 𓆞 𓆟 𓆠 𓆡 𓆢 𓆣 𓆤 𓆥 𓆦 𓆧 𓆨 𓆩 𓆪 𓆫 𓆬 𓆭 𓆮 𓆯 𓆰 𓆱 𓆲 𓆳 𓆴 𓆵 𓆶 𓆷 𓆸 𓆹 𓆺 𓆻 𓆼 𓆽 𓆾 𓆿] é, na esteira de Golénischeff e Glaser, identificada pelos produtos naturais mencionados no conto como a ilha de Socotorá, que poderia derivar de corrupção da designação do sânscrito *sukhotara*, que significaria «ilha feliz» (Esteves Pereira 1901: 74). Nesta linha, é interessante a aproximação de Maspero à ideia da «Ilha do Ka» como uma espécie de Ilha Afortunada, mencionada pelo estudioso português. Esta ideia não é, contudo, desenvolvida, surgindo unicamente complementada numa nota de rodapé onde se lê:

«A palavra egypcia *ka*, que significa *pessoa, ente, dobrado*, é o nome dado pelos Egypcios á alma humana; a *ilha do Dobrado* era uma ilha habitada pelas almas dos bem aventurados»⁴ (Esteves Pereira 1901: 77)

Mas mais interessante se torna, se enquadrarmos no pensamento de Zandee que admite a partida, a viagem para um outro lugar, como uma característica geral da representação humana da morte e particulariza para o caso egípcio: «the Egyptian religion also considers the fate of the dead a journey, the covering of a distance. Dying is going away, leaving the world of the living. The Egyptian makes long voyages by boat along the Nile. Also the dead does so and he “lands” in other world» (Zandee 1960: 25). Esta questão da morte não tem, necessariamente, que ser encarada no sentido literal (até porque no início da história o naufrago está vivo e a prestar conselho ao comandante de expedição posterior), mas pode entroncar na argumentação de Loprieno que entende que a movimentação geográfica dos protagonistas de viagens nos contos do Império Médio se faz em sentido centrípeto em que «its most visible feature is the opposition between a centre, often identified with the royal residence, and a periphery, which is the place where protagonists experience a form of psychological or intelectual transition. This type of cultural organization of space could be termed “centripetal geography”. A basic characteristic of this geography is the “rite of passage”, an experience not expressed in official inscriptions. The literary representation of the

contrast between “Egypt” and “abroad” is accompanied by the perception, on the part of the protagonist, of a border between two spheres: a border that needs to be overcome rather than simply passed, a border that is associated throughout world literatures with the experience of danger and of fear; in short, a liminal experience: in Sinhuhe’s words, “the taste of death”» (Loprieno 2007: 40).

A localização da região do Punt, cuja distância evoca esta fronteira entre o mundo dos homens e o mundo dos deuses (Harvey 2007: 87), é discutida com grande preocupação geográfica por Esteves Pereira. Sendo identificada como a região de onde os egípcios tiravam ouro, incenso, mirra, madeiras preciosas e outros produtos, refere Esteves Pereira algumas localizações na Arábia e costa de África sugeridas por outros autores como de mais provável proveniência destes produtos. Termina, contudo, destacando a proposta de Glaser de que o Punt seria a antiga sede dos Fenícios, identificados pelos egípcios como o povo *pwn(i)* (que ressoa nas designações grega de *Phoinikes* e romana de *Poeni*), que habitava a terra do *pwn.t* (com terminação feminina).

O articular destes dois povos permite talvez entrever o esteio etnocêntrico de uma perspetiva histórica de evolução única e de progresso contínuo (Campos Matos 2002: 213), tendo a Europa como centro, que faz deslocar o pêndulo do argumento para os eventuais contactos com Fenícios, entendidos por Esteves Pereira, no parágrafo de abertura, como um dos povos mais célebres da Antiguidade. Portanto, o texto egípcio torna-se, por esta via, «de subido interesse para a historia do commercio» que se constituía como o grande motor económico do mundo europeu colonial. De facto, parece haver uma maior preocupação em justificar o Punt como a sede dos Fenícios do que em procurar compreender a civilização egípcia em si.

Por outro lado, o autor analisa a semelhança entre o *Conto do Náufrago* e a *Odisseia* e a história de Sindbad, assim como a influência do conto na lenda da serpente na tradição etíope. Retomando a ideia do contacto com os Fenícios, Esteves Pereira aponta a enorme semelhança entre o *Conto do Náufrago* e o episódio de Ulisses entre os Fenícios na *Odisseia*, episódio que resume com detalhe. Segue-se então a breve referência à semelhança com a história de Sindbad. Contudo, não coloca o *Conto do Náufrago* como o ponto de origem destes temas comuns, mas assume a posição de Golénischeff que aventa a possibilidade de entroncarem todas numa narrativa mais antiga:

«Golénischeff, apesar das analogias, que assinalou entre o *Conto do Naufrago* e o episódio da *Odysseia*, e a narração da primeira viagem de Sindabad, não julga contudo que estas últimas provenham do conto egípcio; antes é de parecer, que todas as três narrações são desenvolvimentos de uma só mais antiga, da qual procedeu em primeiro lugar o *Conto do Naufrago*» (Esteves Pereira 1901: 76).

Compreende-se esta ideia de uma narrativa comum seminal à luz de uma mundividência comum do Oriental, que dá sentido a uma identidade coletiva que se processa em termos relacionais (Campos Matos 2002: 211) e na perspetiva de uma evolução no sentido da complexificação da produção cultural.

O autor faz, pelo contrário, derivar a lenda do dragão soberano muito popular entre os Abexins deste conto egípcio. A serpente do *Conto do Naufrago* seria manancial de significação lendário que teria influenciado a conceção etíope da mítica figura de Arve:

«Segundo Halévy, a lenda de Arve é devida á influencia dos Persas em Ethiopia; mas Conti Rossini suspeita, e com razão, que ella derive da tradição egypcia, como parece resultar, comparando a descripção do dragão feita no *Conto do Naufrago* com a de Arve dada na *Homilia em honra do abba Garima*» (Esteves Pereira 1901: 77).

O facto de ter sido este estudo publicado em separata pela Imprensa da Universidade de Coimbra atesta, de alguma forma, o interesse e alcance que terá despertado, assim como o facto de ter sido referenciada na secção introdutória do *Conto do Naufrago*⁵ por Maspero na sua obra *Popular Stories of Ancient Egypt*, de 1915 (Maspero 1915: 98), o que parece fazer subentender contactos entre o estudioso português e o francês. Não é de estranhar, no entanto, dado que Esteves Pereira se associou ativamente à discussão internacional em torno das questões orientais, participando nomeadamente nos congressos internacionais, e, segundo David Lopes, ter-se-á correspondido e colaborado com académicos de renome da época (Lopes 1940-41: 124). De recordar que o período de desenvolvimento e consolidação das instituições com uma vertente orientalista coincide com o maior período de expansão europeia e de domínio colonial, do século XIX até à Primeira Guerra Mundial. Tal como é possível inferir do que observámos já ao longo deste texto, este domínio colonial europeu não se sustentava apenas em domínio territorial ou financeiro, mas também num domínio intelectual de informações e valores adquiridos, fixados e

partilhados. No fundo, valores eficazes para enquadrar e relacionar-se com «o Oriental» como entidade de características regulares (Said 2004: 47).

O interesse que a publicação alcançou reflete-se ainda na inclusão deste conto na antologia de J. Leite de Vasconcellos, *Contos Populares e Lendas*, que o cita como referência única e onde discute o facto de os sítios arqueológicos que Esteves Pereira relaciona com os Fenícios serem, nas investigações mais recentes, atribuídos aos árabes do século VIII (Soromenho e Soromenho 1963: 450-451)⁶.

Termina Esteves Pereira o seu estudo com a tradução do conto realizada com base nas traduções de Golénisheff (1881)⁷, Maspero (1882)⁸ e Petrie (1899)⁹, como o próprio indica na primeira nota de referência da tradução e como podemos perceber pela maioria das informações dadas nas notas seguintes. Estas publicações, juntamente com a tradução em alemão de A. Erman (1896)¹⁰, são devidamente referenciadas no corpo do texto. Ainda que, neste caso, esteja a traduzir indiretamente, perpassa a preocupação do autor por um estilo mais literal, na linha do que terá advogado em traduções de etíope, como forma de permitir transparecer o que acreditava ser o espírito da cultura literária da época da sua composição (Lopes 1940-41: 126). Informa a dada altura da inexistência, até à data, de uma publicação em *fac-simile* ou de transcrição hieroglífica, mas acrescenta de imediato que «a tradução de Golénisheff é muito exacta, segundo o testemunho de Gaston Maspero» (Esteves Pereira 1901: 73).

Naturalmente, o *Conto do Naufrago* permanece como obra nuclear no estudo da civilização do antigo Egipto e muito se avançou na sua tradução, análise e enquadramento. O presente texto não pretende ser um estudo sobre o *Conto do Naufrago*, servindo apenas esta breve nota de leitura de pretexto para sublinhar a importância do papel do estudioso português Francisco Esteves Pereira (e outros como ele) para a nossa atividade «orientalista» no início de um novo século.


Notas

(1) É de recordar que o desencadear deste interesse da Europa pelo Oriente foi fortemente impulsionado pela invasão napoleónica do território egípcio que promoveu a modernização e atualização do conjunto de conhecimentos do Ocidente sobre o Oriente e que, simultaneamente, definiu novas bases para as perspetivas e processos de apropriação de uma cultura por outra (Said, 2004: 48-49).

(2) Said vai mais longe e considera que «a representação europeia do muçulmano, do otomano ou do árabe era sempre uma forma de controlar o Oriente que se temia, e de certo modo o mesmo se aplica aos métodos dos orientalistas contemporâneos cultos, cujo tema não é tanto

o Oriente em si mesmo, mas o Oriente que tornam conhecido, e, portanto, menos temível, para o público leitor ocidental. Não há nada de especialmente controverso ou repreensível no que respeita a estas domesticações do exótico; elas verificam-se em todas as culturas, sem dúvida, e no seio de todas as comunidades humanas» (Saïd 2004: 73).

(3) Não parece que Esteves Pereira tenha participado neste Congresso de Berlim como participará posteriormente noutros Congressos Internacionais de Orientalistas, nomeadamente nas publicações relativas ao X Congresso em Lisboa, em 1892, que não chegou a realizar-se devido a um surto epidémico, e no XIV Congresso em Argel, em 1905, onde esteve também Maspero no Comité de Apoio (informação patente nos materiais da exposição «O Orientalismo Português: textos e contextos (1850-1950)», gentilmente cedida por Marta Pacheco Pinto).

(4) No passo completo lê-se: 
snd m sp-sn nds m 3yt 3tw hr=k ph.n=k wi mk nfr rdi.n=f nh=k ini=f tw r iw pn n k3 nn ntt nn st m-hnw=f iw=f mh(w) hr nfrwt nbt. «Não temas, não temas, homenzinho! Não fique o teu rosto pálido! Tu chegaste até mim. Vê, deus permitiu-te viver: ele trouxe-te para esta ilha do ka. Não há nada que não contenha, está cheia de todas as coisas boas».

(5) «A portuguese translation was sketched out, with a study of the text by Francisco Maria Estevez Pereira, *O Naufrago. Conto Egypcio*, extract from the review *O Instituto*, vol. XLVIII, 4to, Coimbra, Imprensa da Universidade, 23 pp.» (Maspero, 1915: 198).

(6) E é terminado com uma pequeníssima nota de justificação da inclusão de um conto egípcio, que aqui transcrevemos: «A inclusão de um ou outro conto claramente estrangeiro indica apenas a intenção de aproveitar todos os apontamentos úteis deixados pelo A. Neste caso acresce a circunstância de se assemelhar ao número anterior, 256, no acolhimento afável feito por uma entidade mítica.»

(7) *Sur un ancien conte égyptien, notice au Congrès des Orientalistes à Berlin*, par Golénischeff, 1881, s. n., imprensa de Breitkopf e Hartel, em Leipzig; 8.º grande, 21 pp. E, posteriormente, *Inventaire de la collection égyptienne. Eremitage impériale de St. Petersbourg*, pp. 177-182 (referências de acordo com Esteves Pereira no estudo).

(8) *Contes populaires de l'Égypte ancienne*, Paris, 1882, 1.ª edição, pp. 139-148; 2.ª edição, pp. 133-146 (referências de acordo com Esteves Pereira no estudo). Estas primeiras edições da tradução de Maspero são baseadas, por sua vez, na primeira tradução de Golénischeff.

(9) *Egyptian tales*, first series, London, 1899, pp. 81-93 (referência de acordo com Esteves Pereira no estudo).

(10) *Aegypten und ägyptisches Leben in Altherthum*, Tubingen, 1896 (referência de acordo com Esteves Pereira no estudo).

Bibliografia citada:

MATOS, Sérgio Campos. 2002. Oriente e orientalismo em Portugal no século XIX: O caso de Oliveira Martins. *Cadmo* 12: 211-224.

PEREIRA, Francisco Maria Esteves. 1901. O Naufrago. Conto Egypcio. *O Instituto* 48. Universidade de Coimbra: 72-143.

- HARVEY, Stephen P. 2007. Interpreting Punt: Geographic, Cultural and Artistic Landscapes In *Mysterious Lands (Encounters with Ancient Egypt)*. Edited by Stephen Quirke and David O'Connor. London: University College London Institute of Archaeology Publications.
- LOPES, David. 1940-1941. Um orientalista português. *Revista da Faculdade de Letras*, tomo VII, n.ºs 1 e 2: 121-138.
- LOPRIENO, Antonio. 2007. *Travel and Fiction in Egyptian Literature*. In *Mysterious Lands (Encounters with Ancient Egypt)*. Edited by Stephen Quirke and David O'Connor. London: University College London Institute of Archaeology Publications.
- MASPERO, Gaston. 1915. *Popular Stories of Ancient Egypt*. New York and London: Putnam's Sons / H. Grevel and Co.
- SAID, Edward W. 2004. *Orientalismo. Representações ocidentais do Oriente*. Lisboa: Edições Cotovia.
- SOROMENHO, Alda da Silva e SOROMENHO, Paulo Caratão, coords. 1963. *Contos populares e lendas coligidos por J. Leite de Vasconcellos*. Vol. 1. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis.
- ZANDEE, Jan. 1960. *Death as Enemy: According to Ancient Egyptian Conceptions*. Leiden: E.J. Brill.